

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CINEMA E AUDIOVISUAL

ANNA BASTOS FARIA

ÉTICA A PARTIR DA LINGUAGEM AUDIOVISUAL
Reflexões sobre uma prática educativa audiovisual

NITERÓI
2019

ANNA BASTOS FARIA

ÉTICA A PARTIR DA LINGUAGEM AUDIOVISUAL
Reflexões sobre uma prática educativa audiovisual

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Cinema e Audiovisual, como requisito
parcial para conclusão do curso.

Orientadora:
PROF.^a DR.^a ELIANY SALVATIERRA MACHADO

Niterói, RJ
2019

F224?

Faria, Anna Bastos

Ética a partir da linguagem audiovisual : Reflexões sobre uma prática educativa audiovisual / Anna Bastos Faria ; Eliany Salvatierra Machado, orientador. Niterói, 2019.

39 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Cinema e Audiovisual)-
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Artes e Comunicação Social,
Niterói, 2019.

1. Educação. 2. Ética. 3. Audiovisual. 4. Produção intelectual. I.
Machado, Eliany Salvatierra, orientador. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de Artes e Comunicação Social. III. Título.

CDD –



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Instituto de Arte e Comunicação Social

Departamento de Cinema e Vídeo

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Aluno(a): Anna Bastos Faria

Matrícula: 815057072

TÍTULO

ÉTICA A PARTIR DA LINGUAGEM AUDIOVISUAL

Reflexões sobre uma prática educativa audiovisual

BANCA EXAMINADORA

Profa Orientadora Eliany Salvatierra Machado

Examinador 1 Alice Akemi Yamasaki

Examinador 2 Gabriela Bertti da Rocha Pinto

PARECER

A banca reconhece o trabalho e a fundamentação teórica que é interessante e contempla a transdisciplinaridade.

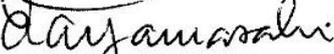
O curso se apropria dos dispositivos móveis, como celulares, que facilitam o acesso e o texto apresenta o processo.

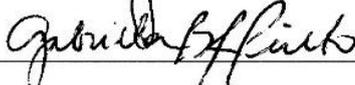
A banca indica a continuação da pesquisa e do processo de formação de professora reflexiva.

DATA: 09/12/2019 **NOTA FINAL:** Dez

ASSINATURAS DA BANCA

Profa Orientadora 

Examinador 1 

Examinador 2 

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Eliany Salvatierra, que abraçou o curso de Videoativismo desde quando era apenas uma ideia e esteve junto durante todos os desdobramentos que ele proporcionou. Com muito carinho me incentivou a seguir adiante nos momentos mais difíceis. Este trabalho não seria possível sem seu apoio, parceria e amizade.

À Gabriela Bertti que também foi parceira neste projeto desde o começo e que agora enriquecerá mais uma vez este trabalho com suas contribuições como membro da banca deste TCC.

À Alice Yamasaki por todo apoio que me ofereceu durante o estágio em prática de ensino e agora com sua valiosa participação na banca de defesa deste TCC.

À Michelle Moreira, companheira de trabalho na Pró-Reitora de Extensão da UFRJ, que me encorajou desde o começo a seguir com a proposta do curso de Videoativismo.

Ao Ivan Capeller por sua generosa parceria no curso, abraçando este projeto que agora já possui vida própria.

À Karynn Capilé por todo seu apoio e colaboração e por sua valiosa participação ao longo curso.

À Angela Lombardo que não somente ofereceu um lar para o curso, como o abraçou e acolheu com enorme generosidade. Sua coragem e atuação social são uma inspiração.

Ao Fabio Oliveira e Maria Clara Dias por suas importantes contribuições ao curso.

A todos que participaram e ao seu modo contribuíram para o curso de Videoativismo, em especial, Roberval Pereira, Amiel Vieira, Newton Pereira, Anna Paula Medeiros e Lobo Mauro.

Ao Luciano Dayrell, companheiro de vida e de trabalho e que, com muito carinho e generosidade, colaborou em todas as etapas deste projeto.

Aos meus pais por todo apoio, incentivo e carinho que sempre me destinaram.

RESUMO

A proposta deste trabalho consiste em apresentar uma descrição e uma reflexão sobre a experiência pedagógica empreendida através do curso de extensão “Videoativismo – a linguagem audiovisual em diálogo com a ética” realizado no primeiro semestre de 2019. O curso teve como objetivo abordar temas da ética e da justiça social a partir da linguagem audiovisual. Assim, com este trabalho buscamos refletir sobre esta experiência tentando compreender se foi alcançado o objetivo de contribuir para a formação ética e audiovisual dos participantes.

Palavras-chave: Educação. Ética. Audiovisual

ABSTRACT

The purpose of this paper is to present a description and a reflection on the pedagogical experience undertaken through the extension course “Videoactivism - the audiovisual language in dialogue with ethics” held in the first semester of 2019. The course aimed to address topics of ethics and social justice from the audiovisual language. Thus, with this work we seek to reflect on this experience trying to understand if the objective of contributing to the ethical and audiovisual formation of the participants was achieved.

Keywords: Education. Ethic. Audio-visual

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO, p. 9

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, p. 12

3. PLANEJAMENTO DO CURSO, p. 17

3.1. ELABORAÇÃO DO PROJETO, p. 17

3.2. INSCRIÇÃO EM EDITAL, p. 18

3.3. ARTICULAÇÃO DE PARCERIAS, p. 19

3.4. ELABORAÇÃO DO PLANO DE CURSO, p. 21

4. REALIZAÇÃO DO CURSO, p. 25

4.1. QUEBRANDO O GELO, p. 25

4.2. ALTERIDADE E EMPATIA, p. 29

4.3. FOTOGRAFIA NARRADA, p. 32

4.4. INTERSEXUALIDADE, p. 34

4.5. ÉTICA ANIMAL E AMBIENTAL, p. 36

4.6. ENTRE A TÉCNICA E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA, p. 37

4.7. ENCERRAMENTO E AVALIAÇÃO, p. 39

5. CONCLUSÃO, p. 41

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, p. 42

1. INTRODUÇÃO

No primeiro semestre de 2019 foi realizado o curso de extensão “Videoativismo - linguagem audiovisual em diálogo com a ética”, cuja proposta consistiu em discutir questões do âmbito da ética e da justiça social e estimular as possibilidades de expressão a partir de experimentações práticas com o audiovisual. Cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e executado em uma ONG em Niterói, o curso contou com 12 encontros presenciais de 3 horas de duração que aconteceram de 30 de março a 22 de junho aos sábados das 14:00 às 17:00 horas.

As aulas foram oferecidas no Espaço de Cultura A Casa, uma ONG localizada no bairro do Fonseca em Niterói, que desenvolve atividades de arte-educação, reforço escolar, além de outras atividades culturais.

O curso foi coordenado por mim, mas contou com a participação de outras pessoas na equipe de execução, o prof. Ivan Capeller da Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ, a prof. Eliany Salvatierra, do curso de Licenciatura em Cinema da UFF, as pesquisadoras Karynn Capilé e Gabriela Berti e prof. Fabio Oliveira do PPGBIOS - Programa de Pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva. Também contou com algumas participações pontuais de convidados ao longo do curso.

Como objetivo do curso buscou-se realizar uma formação ética e audiovisual. Através da introdução à linguagem audiovisual e das reflexões éticas buscou-se propor atividades em que os participantes pudessem desenvolver uma forma de expressão, a fim de elaborar, refletir e problematizar questões da sociedade.

O cinema ativista busca refletir, questionar e atuar sobre problemas existentes na sociedade (SOTOMAIOR, 2014), neste sentido, os recursos audiovisuais têm sido uma ferramenta muito utilizada por ativistas como forma de divulgar e sensibilizar espectadores para as causas pelas quais militam. A facilidade de produção e distribuição através do advento e disponibilização da captação digital, além das possibilidades de difusão através da internet, tem contribuído para um crescente uso do audiovisual, como meio de abordar e transmitir conteúdo políticos. Através dessa perspectiva, os realizadores ativistas compreendem o audiovisual como ferramenta de luta social e costumam abordar em suas obras temas como antiglobalização, discriminação racial, questões de gênero, violência e opressão contra as mulheres, homofobia, exploração dos animais não-humanos, entre outros.

Nesta proposta, partimos da concepção de que o cinema pode se constituir um processo educativo e reflexivo, no qual seja possível explorar questões moralmente relevantes em nossa sociedade, e pode se configurar enquanto um instrumento de luta social. Assim, em última instância, o objetivo do curso foi a busca da redução da desigualdade, da justiça social e a garantia de direitos básicos. O caminho para se buscar esse objetivo se deu através da exibição e discussão de filmes e da realização de exercícios que explorassem a criatividade, de modo que os alunos pudessem expressar emoções, sentimentos e questões que perpassam seu cotidiano na sociedade.

Algumas atividades pedagógicas do curso foram inspiradas no projeto “Inventar com a Diferença: cinema, educação e direitos humanos”, coordenado pelo Prof. Cezar Miglorin (UFF). Assim como o “Inventar” este curso também se propôs a conceber o audiovisual como um espaço educativo e de atuação política. O curso de Videoativismo, no entanto, fundamentou-se numa concepção de justiça mais abrangente e não-antrópocêntrica, diferenciando-se do “Inventar” ao amparar-se moralmente nos “direitos básicos” (DIAS, 2015) ao invés dos “direitos humanos”. A perspectiva orientada pelo conceito de “direitos humanos” exclui todas as outras formas de vida do planeta que não se enquadram na categoria humana, desconsiderando, portanto, os animais não-humanos que são vítimas de diversas formas de violência e exploração. Exclui também outros seres vivos e o próprio meio ambiente, constituindo-se, desta forma, como uma perspectiva especista¹, restritiva e discriminatória. Optamos, portanto, por uma atuação mais inclusiva, na qual seja possível abarcar a luta contra outras formas de opressão não contempladas pela concepção de “direitos humanos”. Por conta disso, utilizamos o termo “direitos básicos” como forma de enfatizar a ideia de que outras entidades e indivíduos devem ser possuidores de certos direitos e garantias que atualmente não são atendidos. Tal perspectiva ética e de justiça se refletiu nas discussões propostas em diversos momentos do curso em que se buscou apresentar questões de ética animal e ambiental.

O cinema constitui uma importante forma de expressão, sendo, portanto, espaço privilegiado para se abordar questões do âmbito da ética, da justiça e dos direitos básicos. A criação audiovisual pode se constituir como um meio pelo qual os realizadores podem criar uma elaboração para si próprios, a partir da reflexão e contextualização das questões presentes na sociedade, sendo também uma forma de expor tais questões e de explicitar as diversas formas de violências, opressões e suas vítimas. Desta forma, o cinema se torna

¹ Perspectiva moral em que se provoca hierarquização e discriminação de seres baseada em sua espécie.

um meio de endereçar questões que afetam as sociedades e seus cotidianos. (YAQUINTO, 2014)

Esperamos com o presente texto apresentar o curso e principalmente refletir sobre os procedimentos e práticas adotadas, em um processo de análise de ação-sistematização, buscando compreender se o curso contribuiu para a formação ética dos participantes.

Iniciamos este trabalho com uma revisão bibliográfica explicitando o referencial teórico que nos embasou na construção do curso e, agora, na realização desta análise. Iniciamos, portanto, com uma conceituação acerca do termo videoativismo. Em seguida, partindo de alguns pensadores, em especial João Francisco Duarte Junior (1981), iremos abordar a perspectiva pedagógica que respaldou metodologicamente o curso e que agora nos serve como categoria de análise.

Na segunda parte deste trabalho faremos uma descrição e reflexão sobre o processo de planejamento do curso. Nos interessa apresentar o percurso trilhado desde a concepção, a escrita do projeto, o cadastro em edital de registro de ações de extensão da UFRJ, o processo de articulação de parcerias e elaboração do plano de curso.

Por último, faremos uma exposição da realização do curso, detalhando cada encontro e propondo reflexões a partir da experiência concreta deste curso. Além de descrever acontecimentos e eventos importantes que sucederam, buscamos desenvolver uma análise crítica sobre a experiência, contrastando-a com nosso planejamento inicial e como nosso referencial teórico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O curso, Videoativismo, partiu da premissa de que através da arte é possível dar visibilidade a problemas, conflitos e situações de vulnerabilidade que tendem a ser invisibilizadas por uma cultura hegemônica que perpetua ideologias dominantes por meio da mídia de massa isenta de reflexão e crítica. (Bourdieu, 1998)

Para Duarte (2002), o cinema possui um importante papel na formação cultural do espectador. Segundo a autora, num primeiro momento, os filmes geram sensações e impressões no espectador. Tais sentimentos vão lentamente se organizando e criando significado de acordo com a própria experiência de vida, dos conhecimentos do indivíduo e também da troca com outros espectadores. Assim se constrói a condição formadora e pedagógica do cinema.

“O espectador, historicamente situado, molda e é moldado pela experiência cinematográfica, num processo dialógico sem fim. O conhecimento e a interpretação do processo cinematográfico deve, sem dúvida, levar em conta este diálogo que reconhece a participação concreta e ativa do espectador de filmes. O filme é o lugar onde interagem autor e receptor e, de modo algum um lugar fechado em si mesmo.” (GOMES, 2005, p. 1142)

Segundo Edgar Morin (2003), o cinema possui um mecanismo de proporcionar uma identificação e imersão no universo representado. Desse modo, a estrutura cinematográfica é capaz de produzir influências no campo da subjetividade do espectador (XAVIER, 2003). Esta constatação nos leva a questionar se tal identificação proporcionada pelo cinema pode contribuir para o desenvolvimento da empatia. Como consequência, o cinema pode ser considerado um meio importante para a educação moral?

Alain Bergala (2008) argumenta que o cinema pode se constituir como um espaço no qual a noção de alteridade emerge. Segundo o autor, o cinema tem a capacidade de “nos fazer compartilhar experiências que, sem ele, nos permaneceriam estranhas, nos dando acesso à alteridade.” (BERGALA, 2008, p. 38) Nesse sentido, o cinema pode se apresentar como uma ferramenta privilegiada de estímulo à empatia e a reflexões éticas.

Com o advento das novas tecnologias e fácil acesso a alguns meios de captação audiovisual e transmissão de conteúdos audiovisuais, os indivíduos vêm ganhando maior autonomia para reflexão, elaboração de novos sentidos e criações audiovisuais. Desse modo, o indivíduo pode ser compreendido como um agente de mudança. Ao mesmo tempo em que ele é transformado pelo meio e pela sociedade, ele também tem o potencial

de transformá-la. O audiovisual emerge como esse lugar de expressão e ocupa um papel de contribuir para a democratização das diferentes vozes da sociedade. Através do audiovisual e das novas tecnologias, diferentes grupos, frequentemente invisibilizados, têm tido a oportunidade de expressar temas e preocupações silenciadas pelos meios tradicionais.

As novas tecnologias ampliaram o acesso aos recursos audiovisuais, mas segundo Sotomaior (2014), desde o início do século XX, o cinema têm sido veículo de registro das lutas, das pautas e perspectivas de movimentos sociais e grupos políticos e identitários. Esses grupos têm constituído uma linguagem que se contrapõe aos discursos hegemônicos e vêm criando novas formas de realização cinematográfica. O documentário se tornou a linguagem privilegiada para cinema militante, mas diversos movimentos cinematográficos forma marcados pela denúncia social e ativismo político, como o caso do Neo Realismo Italiano e o Cinema Novo brasileiro, fundamentado pela Estética da Fome de Glauber Rocha.

Optamos por utilizar o termo *videoativismo* numa tentativa de ampliar os tipos de produções audiovisuais abarcadas pelo curso. Os filmes exibidos em sala de aula foram tanto grandes produções como pequenas realizações audiovisuais, independentes do suporte, seja película, vídeo, analógico ou digital. O uso do termo “vídeo” não buscou estabelecer uma delimitação do suporte de registro, mas, ao contrário, expandir a concepção de ativismo no audiovisual. Tal alargamento não seria possível caso optássemos pelo termo *cineativismo*, dado que restringiria a acepção a filmes de grande produção e destinados à exibição comercial. Assim, utilizamos *videoativismo* para abordar uma grande gama de produções audiovisuais de diferentes gêneros e formatos: ficção, documentário, animação, reportagem, vídeos caseiros etc. Além disso, como nosso objetivo foi formar videoativistas, nos exercícios de realização audiovisual utilizamos como recurso as câmeras de celular de cada participante. Nosso objetivo era tornar os exercícios o mais acessível possível utilizando equipamentos que todos teriam acesso.

O que delimitou a acepção de *videoativismo*, portanto, não foi o suporte, nem o tipo de produção, mas sim o objetivo e o conteúdo da obra. Nos interessou abordar filmes cuja finalidade era denunciar, problematizar, contestar ou refletir sobre questões da sociedade, sobre situações de injustiça e de opressão, ou seja, filmes posicionados politicamente.

A partir do termo videoativismo, identificamos práticas sociais de natureza comunicativa que são utilizadas como recursos para intervenção política de atores fora das estruturas de poder dominantes (sujeitos de contra-poder). Essa intervenção videoativista é desencadeada por uma motivação e contém uma finalidade política transformadora que pode ser orientado para diferentes objetivos táticos, principalmente: contra-informar, formar, chamada à ação, articular participação e construir identidade coletiva. (MATEOS e RAJAS, 2014, p. 15-16)²

No curso, a formação audiovisual teve a mesma importância que a formação ética. Buscamos nos desvencilhar de uma perspectiva instrumentalizada do audiovisual. Nosso objetivo era de que ele não fosse um meio para se discutir conteúdos da ética. Por isso as duas formações caminharam juntas, pois acreditamos na potência transformadora da arte e de que ela contribui para aflorar reflexões e um olhar sensível para o outro.

O conhecimento do mundo advém, desta forma, de um processo onde o sentir e o simbolizar se articulam e se completam. Contudo, não há linguagem que explicita e esclarece totalmente os sentimentos humanos. Não se pode, nunca, descrever com palavras como é a dor de dente ou como é a ternura que estamos sentindo. O conhecimento dos sentimentos e a sua expressão só podem se dar pela utilização de símbolos outros que não os linguísticos; só podem se dar através de uma consciência distinta da que se põe no pensamento racional. Uma ponte que nos leva a conhecer e a expressar os sentimentos é, então, a arte, e a forma de nossa consciência apreendê-los é através da experiência estética. Na arte busca-se concretizar os sentimentos numa forma, que a consciência capta de maneira mais global e abrangente do que no pensamento rotineiro. Na arte são-nos apresentados aspectos e maneiras de nos sentirmos no mundo, que a linguagem não pode conceituar. (DUARTE JR, 1981, p 14)

João Francisco Duarte Jr. em seu livro “Fundamentos estéticos da educação” (1981) propõe um modelo educacional que incorpore os sentimentos e as sensações em seus processos. Segundo o autor, a arte pode instigar a imaginação e através dela conhecemos e expressamos melhor nossos sentimentos. Ela aguça os sentidos, garantindo que o processo de conhecimento seja mais consistente.

Para Duarte Junior, o conhecimento se dá a partir de uma experiência vivida. Aquilo que não foi experienciado não pode ser conhecido pois não há conhecimento desinteressado, buscamos conhecer aquilo que consideramos importante.

² Tradução livre: Con el término videoactivismo identificamos unas prácticas sociales de carácter comunicativo que son utilizadas como recursos de intervención política por actores ajenos a las estructuras de poder dominantes (sujetos del contrapoder). Esta intervención videoactivista se activa por una motivación y contiene una finalidad política transformadora que puede orientarse a diferentes fines táticos, principalmente: contrainformar, formar, convocar a la acción, articular la participación y construir la identidad colectiva.

“Todo ato de conhecimento, no fundo, envolve uma certa criação, ou um certo rearranjo (parcial ou total) de nosso esquema conceitual. Quando aprendemos algo, estamos, de certa forma criando-lhe uma significação, com base em nossas vivências e conceitos.” (DUARTE JR, 1981, p. 90-91). Por isso, é muito fácil esquecermos conceitos que foram apenas “decorados”. É preciso que os novos conceitos se articulem com nossas experiências anteriores para que não sejam apenas memorizados, mas apreendidos.

Para o autor, é a imaginação que dá origem ao conhecimento. Contudo, ela vem sendo negada pela ciência enquanto procedimento da consciência. A ciência através de sua busca pela objetividade, acredita na “mente-espelho”, ou seja, na reprodução da realidade como a forma mais eficaz de se produzir conhecimento. Emoções e sentimentos não podem ser quantificados, por isso foram desprezados pelas ciências.

A arte se constitui numa forma de conhecermos e expressarmos nossos sentimentos. A experiência estética permite que o homem apreenda o mundo sem a mediação dos códigos e símbolos. O sentimento humano é impossível de ser totalmente traduzido pela linguagem. É possível nomear alguns sentimentos, mas jamais descrevê-los. A alegria, por exemplo, é um nome para uma emoção, mas a linguagem não consegue descrever de que forma um tipo de alegria difere de outras.

Duarte Junior propõe que a experiência estética fundamente a educação. Mas ressalva que o objetivo do ensino da arte não deve ser a erudição, e sim a ampliação da percepção. Trabalhando a expressão artística seria possível estimular a expressão das sensações, visões e sentimentos.

A proposta de Duarte Junior traz outras dimensões para a educação. Ele quer fugir do pensamento que ainda hoje é hegemônico de um tipo de formação com uma função apenas profissionalizante. Na sociedade produtivista em que vivemos é necessário formar novos profissionais que sejam capazes de reproduzir técnicas industriais. Tal modelo educacional, definido por Paulo Freire como educação bancária não se preocupa com os interesses, desejos e aspirações de cada um. Tampouco enxerga o educando enquanto indivíduo, mas como um meio para tornar-se um futuro profissional.

A perspectiva de Duarte Junior busca valorizar o educando, de modo que ele não seja mais entendido como passivo, mas agente de seu próprio processo educacional. A educação para este indivíduo, não é um instrumento, mas um fim em si mesmo. O conhecimento se cria no próprio prazer no aprender.

Nosso curso, Videoativismo, se fundamentou, portanto, na perspectiva postulada por Duarte Junior, buscando construir uma formação audiovisual, cujo viés não fosse tecnicista.

Como base nos estudos realizados sobre o papel do cinema e da arte como fundamento para a formação de sujeitos criativos elaboramos os encontros do curso de Videoativismo.

3. PLANEJAMENTO DO CURSO

3.1. ELABORAÇÃO DO PROJETO

O projeto do curso nasceu a partir da disciplina “Audiovisual em sala de aula” do curso de Licenciatura em Cinema, oferecida pela professora Eliany Salvatierra. Nesta disciplina foi solicitado como trabalho final a entrega de um projeto de atividade de ensino em audiovisual, momento em que aproveitei para colocar no papel uma ideia que já carregava comigo há algum tempo: organizar um curso de videoativismo.

Este desejo surgiu a partir da minha experiência no programa de pós-graduação no qual fiz mestrado, e onde atualmente faço doutorado, o PPGBIOS - Programa de pós-graduação em bioética, ética aplicada e saúde coletiva. A professora Maria Clara Dias, que me orientou, coordena o NIS - Núcleo de Inclusão Social em que uma das suas atividades é a realização de filmes de caráter ativista. Na época, Dias havia me convidado para ministrar uma disciplina de videoativismo para a graduação de filosofia da UFRJ. Contudo por dificuldades pessoais não conseguimos levar adiante o projeto. Mas a ideia permaneceu em mim como um desejo de projeto futuro. Os aprendizados advindos das reflexões e discussões de ética do PPGBIOS e as experiências com a realização de vídeos de caráter ativista me levaram a persistir com esta ideia.

Quando surgiu a demanda para a construção do curso, inicialmente pela disciplina “Audiovisual em sala de aula” e posteriormente com a disciplina “Pesquisa e Prática de Ensino”, idealizei o projeto como um curso de extensão, por ser servidora na Pró-reitoria de extensão da UFRJ.

A ideia consistia num curso de extensão sobre videoativismo que discutisse audiovisual e ética. O objetivo inicial seria formar os participantes para dominarem os recursos audiovisuais e ao mesmo tempo apresentar conceitos e temas da ética de modo a contribuir para sua conscientização e um aprofundamento das suas reflexões éticas, com a intenção de assumir um posicionamento político. Deste modo, entendendo que a política faz parte do nosso dia-a-dia, assumi o pressuposto de que também é possível fazer política através do cinema. Por isso, o objetivo deste curso seria oferecer um suporte aos participantes para, através do audiovisual, contribuir para a transformação social e para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Pouco tempo depois de idealizar este curso me aproximei do projeto “Inventar com a Diferença” e seu coordenador, o professor Cezar Miglorin. Participei de uma oficina oferecida por ele com duração de 4 encontros no final do ano de 2018. A partir de então incorporei algumas de suas atividades pedagógicas no curso.

Com o projeto consolidado após essas experiências, parti para uma segunda etapa que foi de discussão do projeto com colegas e parceiros do PPGBIOS. Essa troca foi importante porque contribuiu para agregar conteúdos e enriqueceu a fundamentação do projeto.

3.2. INSCRIÇÃO EM EDITAL

Para que o curso pudesse estar devidamente cadastrado na Pró-Reitoria de extensão (PR-5) e pudesse concorrer a editais de fomento, foi necessário submeter o projeto ao Edital RUA 2019/1 - Registro único de ações de extensão da UFRJ. Para tanto precisei readequar o projeto aos moldes estabelecidos no edital e atender alguns requisitos. Dentre outras coisas, foi necessário obter a aprovação do Colegiado na unidade da qual faço parte, que no caso é a própria PR-5. Assim, levei o projeto do curso para uma reunião do Conselho Gestor da PR-5. Nesta ocasião foram solicitadas algumas modificações, como por exemplo, uma alteração na carga horária da ação. Inicialmente, eu havia proposto 36 horas, mas nesta reunião foi apontado que esta quantidade se referia apenas às aulas do curso e não à ação inteira, pois ela compreende horas de planejamento, e ainda, que para os estudantes da UFRJ que fossem atuar na equipe de execução, seria mais interessante uma carga horária de 30 ou 45 horas, os créditos na UFRJ são organizados de 15 em 15 horas.

Após aprovação no Conselho Gestor da PR-5, em outubro de 2018, cadastrei o projeto do curso na plataforma SIGPROJ, que é o Sistema de Informação e Gestão de Projetos de atividades de extensão até então utilizado pela UFRJ para submetê-lo ao RUA 2019/1. Desde meados do primeiro semestre de 2019, a plataforma SIGPROJ foi substituída pelo SIGA (Sistema Integrado de Gestão Acadêmica) como forma de registro das ações. O Sigproj é um sistema coordenado pelo MEC e utilizado por diversas outras universidades como plataforma de registro. No entanto, as limitações deste sistema e sua ineficiência em servir como um banco de dados fidedigno levaram a UFRJ a interromper o seu uso.

O formulário de registro da ação no SIGPROJ é bastante extenso, na qual se solicitava dados para identificação da ação, do público-alvo, de parcerias, uma descrição da ação com resumo, palavras-chave, justificativa, objetivos, metodologia e avaliação, conteúdo programático, referências bibliográficas e dados dos membros da equipe de execução.

3.3.ARTICULAÇÃO DE PARCERIAS

Após avaliação, o projeto teve um retorno positivo, mas recebeu parecer “a reformular” no qual foi solicitado que houvesse um docente da UFRJ na equipe de execução para permitir que alunos da UFRJ pudessem participar da ação e receber a devida creditação de carga horária em extensão.

A partir de então fiz contato com o professor Ivan Capeller da Escola de Comunicação (ECO) que se interessou pela proposta e concordou em integrar a equipe como vice-coordenador da ação. Até então a equipe contava apenas comigo, com alguns colegas do PPGBIOS e com a professora Eliany Salvatierra, que gentilmente ofereceu parceria após a entrega do trabalho para sua disciplina.

As primeiras questões que discuti com os membros da equipe foram sobre o local de realização. A princípio pensávamos em fazer em algum lugar com possibilidades de uso de equipamentos mais sofisticados, como câmeras e ilhas de edição. Neste caso a ECO poderia atender esta demanda. Também já havia pesquisado outras possibilidades de locais de realização como no laboratório de informática do IFCS - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, onde poderíamos realizar as aulas de finalização audiovisual utilizando um software livre para edição. Aventurei também a possibilidade de utilizar o laboratório de informática do CRM - Centro de Referência da Mulher, localizado no campus do Fundão, que se disponibilizou a abrigar o curso desde que o público-alvo fosse composto exclusivamente por mulheres. Esta opção nos interessou, porém mudamos de ideia pelo fato do CRM ficar em local de difícil acesso, sem pontos de ônibus perto e em região mais escondida dentro do campus do Fundão. Por fim, o prof. Ivan sugeriu uma parceria com a ONG Espaço de cultura A Casa, de Angela Lombardo, que possui um espaço próprio no Fonseca em Niterói.

Marcamos uma visita e reunião no espaço A Casa para conhecer o local e avaliar a possibilidade de oferecer o curso lá. A Casa é um lugar voltado para atividades de arte-

educação, reforço escolar e outras formas de acolhimento para jovens da região do Fonseca. O espaço é gerido por Angela, uma professora aposentada que herdou dos pais o imóvel onde residiu durante sua infância. A Casa é um espaço acolhedor que há 19 anos resiste num dos bairros mais vulneráveis de Niterói e sem qualquer incentivo público.

Compreendendo que havia uma demanda pelos jovens acolhidos pela Casa, decidimos efetivar a parceria e realizar o curso inteiramente naquele espaço, para permitir que os jovens frequentadores da casa e outras pessoas da região tivessem maior facilidade de participar do curso. Mesmo não havendo equipamentos próprios, já havíamos optado por uma metodologia em que utilizaríamos apenas os recursos ao qual os participantes teriam acesso, como câmera de celular e aplicativos gratuitos de edição de vídeo. A questão dos equipamentos para exibição seria resolvida com o empréstimo de projetor, notebook e caixa de som na Central de Apoio a Eventos da Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ. Decidimos também que as aulas aconteceriam aos sábados, para permitir o acesso àqueles que durante a semana estudam e trabalham.

Formalizada a parceria, incorporei tais informações no projeto cadastrado no SIGPROJ que até o momento ainda estava disponível para edição por conta do parecer “a reformular”. Após aprovação definitiva do projeto no edital RUA 2019/1 passamos a fazer reuniões semanais com os integrantes da equipe de modo a elaborar o programa do curso, definir datas, modo e critério de seleção dos cursistas.

Para as inscrições, definimos que iríamos priorizar os frequentadores da Casa, mas que abriríamos também para outros interessados até mesmo para contribuir para a visibilidade da Casa na região. Como o curso foi planejado para oferecer vinte vagas, imaginamos que seria importante criar alguma forma de seleção, caso tivéssemos um retorno de mais de vinte interessados. Assim, optamos por criar um formulário de inscrição online no *google forms*, o qual deixamos disponível para respostas durante aproximadamente duas semanas. No formulário de inscrição constavam os seguintes itens: “Nome”; “e-mail”; “telefone”; “endereço”; “idade”; “por que tem interesse em participar do curso?”.

Realizamos ampla divulgação da inscrição entre as escolas do entorno do espaço A Casa, entre escolas da rede municipal e estadual e o Pedro II de Niterói. Utilizando o convite virtual, divulgamos também entre conhecidos via *whatsapp* e *facebook* além do envio de e-mail.

Figura 1 - Flyer virtual de divulgação do curso

Fonte: acervo pessoal

Após finalizado o prazo de inscrição, recebemos 59 respostas ao formulário. Destes, selecionamos 28 pessoas tendo como principal critério de escolha o local de moradia pois estávamos privilegiando os moradores do entorno. Além do local de moradia, nos baseamos também nas respostas ao item “por que tem interesse em participar do curso?” como critério de seleção. Aqueles que através desta resposta demonstraram grande interesse e motivação em participar do curso foram selecionados. Desde modo, tivemos também entre os participantes moradores da zona oeste, zona sul e zona norte do Rio de Janeiro.

3.4.ELABORAÇÃO DO PLANO DE CURSO

Estabelecemos que as aulas seriam conduzidas através da exibição e discussão de filmes e com a realização de exercícios a partir dos dispositivos básicos do cinema. O objetivo seria estimular os participantes, através dos exercícios e dos debates, a pensar sobre o olhar, o ponto de vista, a alteridade, a empatia, a sensibilização e a conscientização para os códigos da linguagem audiovisual. Os filmes escolhidos foram obras críticas e questionadoras, sustentadas em temas de injustiça e discriminação, tais como: questões raciais, de gênero, de espécie, de exploração, de degradação ambiental.

Os exercícios baseados nos dispositivos audiovisuais iriam aproximar o aluno da linguagem e dos recursos cinematográficos de modo que pudessem praticar e gradativamente elaborar suas próprias propostas de um filme ativista.

Tanto nas discussões dos filmes exibidos quanto nas criações audiovisuais, o curso se propôs a explorar conteúdo e forma. Debater o conteúdo nos leva a discutir as questões e críticas que são tema das obras. Mas, para além da perspectiva encerrada na temática, consideramos relevante abordar também a Forma, na qual se dá mais propriamente a expressão artística, cujo potencial envolve trabalhar emoções, sentimentos, criatividade. Buscamos contribuir para que o aluno desenvolvesse uma forma de expressão artística em que ele pudesse elaborar e expressar questões e conflitos que perpassam a vida em sociedade, tais como sofrimentos, violências, desigualdades, injustiças, discriminações.

No projeto cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão estipulamos como objetivo geral do curso contribuir para que os indivíduos desenvolvessem autonomia de expressar suas narrativas e experiências, encorajando o despertar do pensamento crítico e olhar atento e cuidadoso sobre temas sociais complexos que envolvem conflitos de interesses e preconceitos morais arraigados.

Firmamos os seguintes objetivos específicos:

- Democratizar o acesso aos meios de comunicação.
- Contribuir para a criação de formas de expressão artística.
- Dar visibilidade a grupos oprimidos.
- Fomentar análises e reflexões relativos aos problemas da sociedade.
- Capacitar indivíduos para a elaboração de diagnósticos e soluções para questões da sociedade através da expressão artística.
- Buscar, por meio da arte cinematográfica, vias de facilitação para o reconhecimento da alteridade, florescimento da empatia perante *o outro* e do respeito pelo *diverso*.

Conforme discutido anteriormente, uma preocupação que perpassou toda a construção do plano do curso foi a de tentar não tornar o curso uma formação técnica em audiovisual. Trazendo a perspectiva de Duarte JR (1981) para o planejamento das aulas buscamos experimentar uma formação estética mas não meramente técnica. Esta proposta não é simples de ser aplicada numa formação audiovisual, pois a realização de qualquer vídeo necessita de um mínimo domínio de conhecimentos técnicos tais quais a fotografia,

iluminação, montagem, captação de áudio, entre outros. É muito fácil se perder na técnica fazendo com que a arte deixe de ser uma forma de expressão, sendo mais uma forma de reprodução de métodos e fórmulas já previamente desenvolvidas. No ensino de audiovisual não é difícil cair no modelo "ensinar a receita do bolo". Daí surge o desafio, como trabalhar atividades pedagógicas de realização audiovisual sem que estejam atreladas a um ensino técnico? Há que se ter um mínimo domínio técnico para qualquer produção audiovisual, por mais amadora que ela seja. Optamos por apresentar noções gerais, mas o aprendizado técnico seria decorrente da experiência prática. Não nos interessava discutir qualidade técnica, mas apenas suprimir obstáculos que os participantes porventura encontrassem.

Para Bergala (2008), “A arte não se ensina, mas se encontra, se experimenta, se transmite por outras vias além do discurso do saber, e às vezes mesmo sem qualquer discurso. O ensino se ocupa da regra, a arte deve ocupar um lugar de exceção” (p. 31)

Tendo esses ideais como norte, optamos por organizar o curso em duas vertentes: o estudo da linguagem audiovisual, em que utilizaríamos alguns exercícios baseados nos dispositivos audiovisuais, e o estudo de conteúdos do campo da ética. Assim, definimos que o plano de curso seria conduzido pelos seguintes conteúdos: alteridade e empatia; narrativas de gênero; narrativas étnico-culturais; narrativas de classe; ética animal e ambiental, temas estes que estariam entremeados e relacionados com conteúdos e exercícios de audiovisual. Estruturamos o curso de modo que cada encontro estaria alinhado a um dos conteúdos mencionados anteriormente. Em todos os encontros assistiríamos filmes ou trechos e faríamos exercícios audiovisuais que estariam associados às discussões do campo da ética.

“(…) partimos sempre das imagens. São elas que nos levam a temas relacionados aos direitos humanos. É com elas que temos a possibilidade de uma experiência sensível com o mundo. Entendemos com elas que parte importante da formação é perceber de que modo certas vivências pelo grupo revelam formas de engajamento e reordenações das relações entre o estudante, a escola e a comunidade. É a partir das imagens que os direitos humanos farão parte da comunidade e das formas de ver e inventar mundos que ainda nem sabemos possível.” (MIGLORIN, 2016, p. 11)

Os dispositivos reforçariam e contribuiriam para a assimilação das questões éticas colocadas em cada encontro. Para exemplificar esta abordagem, pode-se mencionar o uso do dispositivo “câmera subjetiva” no encontro voltado para discussões de alteridade e

empatia. O dispositivo foi pensado para pôr em prática e vivenciar a experiência de, não somente se abrir para o outro, mas enxergar o mundo através do olhar do outro.

Desde a primeira vez que coloquei no papel a proposta do curso, o programa passou por inúmeras modificações tendo sido moldado a partir das discussões com os membros da equipe. Por fim chegamos a uma organização do programa, conforme disposto sinteticamente a seguir. Cabe ressaltar que este foi o programa planejado antes do início do curso. Durante a realização do curso algumas alterações foram se tornando necessárias.

- Encontro 1 - Apresentação do curso, dinâmica de apresentação dos participantes e jogos de aproximação com a linguagem audiovisual. Dispositivo audiovisual: minuto Lumière.
- Encontro 2 - Conteúdo: alteridade e empatia. Dispositivo audiovisual: câmera subjetiva.
- Encontro 3 - Conteúdo: continuação de alteridade e empatia. Dispositivo audiovisual: fotografia narrada.
- Encontro 4 - Entrega de exercícios da fotografia narrada. Exibição e discussão dos trabalhos.
- Encontro 5 - Conteúdo: Narrativas de gênero. Exibição do filme “Amiel”. Roda de conversa com Amiel Vieira e Milena Carneiro.
- Encontro 6 - Conteúdo: Ética animal e ambiental. Exercício: 5 fotos.
- Encontro 7 - Entrega do exercício das 5 fotos. Exibição e discussão dos trabalhos.
- Encontro 8 - Exibição do filme “Canta um Ponto” e roda de conversa com o realizador (Luciano Dayrell).
- Encontro 9 - Escutando as ruas - oficina de sensibilização sonora.
- Encontro 10 - Continuação da oficina de sensibilização sonora. Entrega de exercícios dos dispositivos audiovisuais propostos na aula anterior. Exibição e discussão dos trabalhos.
- Encontro 11 - Exibição do filme “Mais triste que chuva num recreio de colégio” e conversa com realizador (Lobo Mauro). Dispositivos audiovisuais: montagem na câmera.
- Encontro 12 - Entrega de exercícios da montagem na câmera. Exibição e discussão dos trabalhos. Avaliação do curso.

4. REALIZAÇÃO DO CURSO

4.1. QUEBRANDO O GELO

Neste capítulo apresento uma descrição detalhada de cada encontro do curso, que teve início no dia 30 de março de 2019 e encerrou no dia 22 de junho do mesmo ano.

A primeira aula foi pensada para ser uma apresentação do curso. Planejamos uma dinâmica que funcionaria como um momento lúdico em que os participantes se conheceriam e também seria uma forma de “quebrar o gelo”. Aproveitamos também para fazer uma primeira apresentação sobre cinema e linguagem audiovisual e fazer uma breve explicação geral do curso.

Durante a seleção dos participantes percebemos que havia muitas pessoas com experiência em audiovisual, portanto, tomei o cuidado de deixar claro nesta apresentação que o curso seria voltado para sensibilização e introdução ao audiovisual e que não iríamos nos aprofundar em questões técnicas. Nossa proposta era apresentar o cinema como um espaço de atuação política. Por isso, nos encontros seguintes, iríamos apresentar discussões de ética associadas a questões de linguagem audiovisual. Veríamos filmes e eventualmente teríamos a presença do realizador do filme exibido. Assim, os encontros seriam mobilizados a partir desse diálogo entre cinema e ética.

Cabe aqui uma breve observação sobre nossa visão de cinema político. Partimos de uma noção mais abrangente de política, não restringindo-a à esfera política institucional. Pensamos política como um ato cotidiano que está associado ao exercício da cidadania. No âmbito da micropolítica podemos agir politicamente através dos nossos hábitos de consumo, por exemplo. Optar por assistir apenas filmes brasileiros no cinema ao invés dos norte-americanos também pode ser uma escolha política. Mas neste curso buscamos apresentar que pode-se agir politicamente através da realização audiovisual, pois enquanto expressão artística é possível criar provocações, reflexões, apresentar realidades invisibilizadas, denunciar abusos e opressões. Em suma, acreditamos que o audiovisual pode contribuir para a transformação social e com este curso nossa intenção foi estimular os participantes a refletir sobre questões da sociedade e explorar a capacidade transformadora do audiovisual.

A primeira atividade foi conduzida por Eliany Salvatierra, ela se apresentou como professora na licenciatura, contou que participava do projeto desde o início, já que a

proposta do curso foi concebida durante a sua disciplina “Audiovisual em sala de aula”, e que, desde então, vinha colaborando com o projeto.

Durante a atividade ela convidou todos a irem para a área externa da casa, um lugar mais amplo, onde dividiu o grupo em duplas. Nesta atividade as duplas deveriam se apresentar um ao outro mas ao invés de contar quem eram de verdade deveriam inventar um personagem. Foi uma atividade lúdica e divertida para que os cursistas se conhecessem. Em seguida voltamos para a sala de aula, onde Eliany distribui pedaços de papel e nos instruiu a fazer um pequeno buraco no meio do papel, consistia num exercício de percepção do enquadramento. Deveríamos olhar pelo buraco no papel e perceber as mudanças na imagem quando afastávamos e aproximávamos o papel do nosso olho, quanto mais afastado mais a gente recortava e selecionava a imagem para onde estávamos olhando e quanto mais próximo do olho maior era o campo de visão. Este exercício permitia compreender a diferença dos planos e do enquadramento no cinema. Ela pediu que brincássemos com isso para perceber os enquadramentos, perceber o que podemos escolher para ser visto, o recorte daquilo que queremos colocar em quadro. E assim a Eliany encerrou sua atividade neste encontro.

Em seguida dei início a segunda parte da aula em que exibi um vídeo dos irmãos Lumière, o comboio dos cavalos. Apresentei brevemente quem eram os irmãos Lumière, seu papel na origem do cinema e o que era o cinematógrafo - a máquina inventada por eles -, e discutimos sobre o vídeo assistido. Expliquei sobre as três operações mentais da criação, desenvolvidas por Alain Bergala: escolha, disposição e ataque. Bergala apresenta uma forma de se analisar os filmes e também de se planejar e pensar sobre o que vamos filmar. Ela nos provoca a construir uma intencionalidade acerca das nossas filmagens: a escolha do conteúdo, do tema, do sujeito/objeto que será filmado, da cena, o que será registrado, a disposição da câmera, quando se deve realizar o registro, etc.

Figura 2 – Registro do primeiro encontro

Fonte: Eliany Salvatierra

Por fim, convidei os participantes a fazer o Minuto Lumière deles. Esse dispositivo possui algumas regras. A primeira regra é que precisa ser filmado com câmera parada, não pode ter movimento de câmera. A segunda regra é que não deve ter som, apenas imagem. A terceira regra é ter duração de um minuto. Dividimos a turma em duplas e liberamos para que filmassem onde quisessem. Eles fizeram o exercício e após 30 minutos reunimos todos para assistir os vídeos e comentá-los.

Alguns participantes optaram por não fazer o trabalho em dupla ou fizeram um vídeo em dupla e outro sozinho. Este acontecimento parece manifestar uma dificuldade com o relacionamento interpessoal e com o trabalho coletivo ou talvez seja o desejo de exibir suas próprias ideias e criações. Em nosso planejamento todos os próximos exercícios previstos seriam feitos individualmente e em casa. Adotamos essa estratégia para não ocupar o tempo em aula com atividades práticas, mas hoje já não concordo com essa abordagem. O cinema e audiovisual são frutos de trabalhos coletivos e por mais que isto envolva inúmeros desafios, a experiência do trabalho em grupo também é um exercício de alteridade porque envolve a escuta, o diálogo, o consenso etc.

Figura 3 – Foto da turma

Fonte: acervo pessoal

Durante a exibição dos trabalhos percebi algo interessante: a forma de assistir os vídeos produz influências no sentido dos trabalhos. Foi curioso o fato de terem surgido alguns vídeos que foram filmagens de outras duplas fazendo seu vídeo, uma metalinguagem do próprio exercício. Coincidentemente ao assistir os trabalhos, vimos numa ordem com o vídeo da dupla de Drielle e Gabriela, em seguida o vídeo de Pierre e João, que filmaram a Drielle e Gabriela filmando o vídeo delas, e em seguida o vídeo da Rachel e do Igor filmando mais uma vez a Drielle e Gabriela. Foi muito curioso ver a mesma cena repetidas vezes por diferentes perspectivas e em diferentes momentos. Embora não fosse a intenção, a própria exibição parece ter se tornado um momento de montagem de um vídeo maior, uma compilação de todos os vídeos, conferindo um sentido totalmente diferente a todas aquelas produções.

Figura 4 – Frame do minuto Lumiere de Gabi e Drielle



Figura 5 – Frame do minuto lumiere de Pierre e João



Figura 6 – Frame do minuto lumiere de Rachel e Igor



4.2.ALTERIDADE E EMPATIA

O segundo e terceiro encontro contaram com a participação de Karynn Capilé, Gabriela Berti e Fábio Oliveira, colegas pesquisadores do PPGBIOS - Programa de Pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva. A participação deles foi importante porque o objetivo da aula era fazer uma introdução sobre ética, abordando os temas de alteridade e empatia.

A aula iniciou com uma dinâmica conduzida pela Gabriela em que ela dividiu a turma em duplas para que se conhecessem e depois apresentassem seu par para a turma. O objetivo do exercício era estabelecer uma relação com o outro, entender o que aproxima, o que afasta, o que há de comum ou diferente e como isso contribui para construir um afeto ou vínculo com o outro. Após a dinâmica discutimos sobre como se

estabelecem as relações, se é pela identificação, afinidade, pontos em comum. Como lidamos quando temos aspectos diferentes? Questionamos também como é ter que conhecer alguém para apresentar para a turma. É diferente de quando conhecemos alguém sem esse compromisso?

Em seguida, Karynn fez uma explanação bem interativa e em que ela estimulou bastante a participação dos cursistas acerca dos conceitos alteridade e empatia. Quando Karynn concluiu sua exposição, exibimos o curta-metragem brasileiro “Eu não quero voltar sozinho”. Neste momento percebi que a exibição de filmes precisa estar associada de uma apresentação de informações referentes a esses filmes. Neste dia, não me preparei suficientemente e não apresentei os dados do filme em questão, tais como o ano de filmagem, informações sobre o diretor etc.

Cabe assinalar que [os filmes] para serem valorizados pelo que são, e não apenas pelo uso que se faz deles, textos fílmicos, assim como os literários, precisam ser apresentados com o máximo possível de referências. O espectador deve ter acesso a informações que lhe permitam identificar o contexto em que o filme foi produzido: país de origem, língua de origem, nome do diretor (acompanhado de dados biográficos), ano de lançamento, premiações, repercussão (faz parte da lista dos mais vistos?), significado que tem para o cinema local e/ou mundial (se é considerado um clássico, se é inovador do ponto de vista técnico ou temático, se é fundador ou integra uma escola ou movimento cinematográfico) e assim por diante. (DUARTE, 2002, p. 94-95)

Foi através da ausência das informações que percebi, nesta experiência, a sua importância. Pensar e refletir sobre um filme envolve também conhecer aspectos da sua produção. Saber o ano, o diretor, o local de realização tudo isso influencia e enriquece nossa percepção sobre este filme.

Ao final do segundo encontro apresentei o exercício da câmera subjetiva, com a proposta de que eles fizessem um vídeo de até 2 minutos em que colocassem a câmera numa perspectiva de um personagem. Utilizei como exemplo o trecho inicial do filme “O escafandro e a borboleta”, que usa bastante o recurso da câmera subjetiva, e pedi que escolhessem um personagem para, no seu vídeo, assumir este ponto de vista. Como a aula estava em torno do tema de alteridade, sugeri que optassem por assumir a perspectiva de um outro, ou seja, que evitassem representar sua própria visão de mundo, que buscassem um outro olhar, para que o exercício fosse a representação de um olhar que não o seu próprio. Tentei provocá-los a se colocar num outro lugar, tentar perceber o mundo a partir de um outro olhar, se desafiar a olhar o mundo de outro forma.

No encontro seguinte, iniciamos assistindo os trabalhos. Em alguns casos ficou evidente que os alunos não entenderam a proposta do exercício, tampouco o que era exatamente a câmera subjetiva. Houve casos de pessoas que fizeram entrevista, caso de pessoas que filmaram a si próprio, caso em que fizeram câmera subjetiva de si mesma, como uma aluna que filmou o caminho até o local do curso. Com o resultado dos exercícios ficou evidente que a minha explicação sobre o dispositivo “câmera subjetiva” foi insuficiente. Talvez a câmera subjetiva seja um conceito cinematográfico um pouco mais complexo e que necessite uma familiaridade maior com a linguagem audiovisual.

A câmera subjetiva foi proposta para construir uma empatia com o outro. E nós quisemos provocá-los a tentar empatizar com um outro que fosse muito diferente de si. É certo que o exercício precisaria de uma explicação mais cuidadosa e talvez mais exemplos, mas sentimos também que alguns alunos não se desafiaram a tentar expressar algo diferente do que vivem. Esta foi a nossa provocação a eles, mas não tivemos o resultado esperado.

Dois vídeos se destacaram dos demais porque estavam tecnicamente bem feitos e também porque se ativeram mais precisamente à proposta. Cabe informar que ambos são estudantes de cinema. Um deles era um filme que tratava de uma pessoa com transtorno de múltiplas personalidades. O vídeo, na verdade, era um curta-metragem, bem elaborado, bem filmado e editado. Por aquele aluno já ter familiaridade com audiovisual, teve ferramentas técnicas para extrapolar a nossa proposta e criar algo a partir da nossa provocação. Mas o filme dele acabou criando uma questão na aula. Por possuir uma clara sofisticação técnica, o seu vídeo se destacou dos demais e provocou uma mobilização na sala, com todos muito surpresos por o filme dele estar bem realizado. Isso foi interessante e problemático ao mesmo tempo porque acabou criando uma distância entre o filme dele e do resto da turma. Ainda que todos tenham gostado bastante do trabalho. Por outro lado, esse encontro com o diferente é importante e justifica a própria diversidade da turma. Ao mesmo tempo que o vídeo mais sofisticado cria uma distância com os outros, ele revela aos alunos possibilidades de criação, uma percepção que em uma turma mais homogênea talvez não fosse possível.

O segundo vídeo talvez tenha sido o que mais conseguiu atender nossa proposta de fazer uma câmera subjetiva trazendo uma perspectiva diferente do olhar do autor. O filme consistiu numa reprodução de uma mesma cena repetida a partir das diferentes formas de enxergar de pessoas que possuem alguma deficiência visual. Ela queria mostrar

as diferentes formas de manifestação da cegueira. E conseguiu expressar aquilo que a gente muitas vezes desconhece porque no senso comum imaginamos que os cegos não enxergam nada.

Esta experiência me fez perceber que para aqueles que não tinham um conhecimento prévio de linguagem audiovisual, não ficou claro o que era a câmera subjetiva. Este exercício, portanto, precisaria de uma explicação mais cuidadosa e seria importante apresentar mais exemplos.

Depois de assistir os exercícios, exibimos o filme “Solitário Anônimo” de Débora Diniz. É um filme forte, um documentário que relata a história de um homem idoso que apesar do seu desejo expresso de morrer, recebe um tratamento hospitalar contra a sua vontade. Todos ficaram mexidos e tocados com a história, o que rendeu um longo debate após o filme. Embora a questão central apresentada pelo filme seja bastante polêmica, já que gira em torno do suicídio, tema que provoca divergência de opiniões, o filme conseguiu apresentar de uma forma respeitosa e sensível uma perspectiva incomum. As opiniões sobre o filme se centraram mais na violência que aquele homem sofreu no hospital ao receber um tratamento contra a sua vontade do que propriamente o suicídio em si. A discussão se direcionou para a questão da falta de liberdade dos indivíduos. Este foi, portanto, um filme bastante interessante em uma aula sobre alteridade e empatia, já que através dele foi possível compreender uma perspectiva e uma visão de mundo atípica.

4.3.FOTOGRAFIA NARRADA

No quarto encontro estávamos presentes apenas eu e Ivan. Neste dia adotamos uma metodologia diferente. Pedimos a entrega de um exercício e optamos por dedicar este encontro exclusivamente para assistir os trabalhos que já estariam prontos e debatê-los. O exercício solicitado foi a “fotografia narrada”, cujo objetivo era dar seguimento às discussões de alteridade e empatia. O dispositivo consiste em filmar alguém narrando a história de uma fotografia. Este dispositivo se relaciona com nossas discussões sobre alteridade porque é um exercício que nos coloca em relação com o outro e que nos abre a ouvir o outro. E esta aproximação e escuta do interlocutor, neste exercício, seria mediada por uma fotografia. O vídeo deveria durar até 5 minutos e poderia ser feito em apenas um plano.

Alguns alunos pareceram não ter compreendido totalmente a proposta, como o caso de um dos alunos que filmou a si mesmo, mostrando uma foto sua com uma artista da qual gostava. Isto me faz pensar sobre como lidar com aquilo que foge ao planejado. Nestes casos devemos considerar isto um erro do participante? Devemos apontar o erro? O fato de o participante ter feito um exercício de outro jeito pode ser considerado um erro? Se for, é um erro dele ou meu?

Tendo em vista que o objetivo do curso não era empreender uma formação técnica, acredito que não caberia avaliar negativamente o aluno e corrigir o trabalho. Neste caso, me parece que a conduta mais interessante seria tentar compreender o trabalho, interpelando o aluno a respeito de sua intenção com aquele exercício. Acredito ser importante também que durante a aula sejam explicitadas as características do dispositivo que originou o exercício, apresentando exemplos, de modo que fique claro a todos os participantes quais os objetivos e resultados esperados do exercício proposto.

Cabe aqui uma consideração sobre os modos como o audiovisual pode contribuir para a empatia e reflexão ética. No vídeo “Abecedário de Cinema”³, Bergala discute alteridade e propõe que o cinema tem o potencial de provocar a experiência da alteridade.

O cinema é a forma de arte que, imediatamente, capturou a alteridade. (...) Porque em um filme pode haver elementos que são completamente heterogêneos e diferentes. (...) O cinema permite confrontar no mesmo quadro, no mesmo filme, coisas que são radicalmente heterogêneas. Então, é evidentemente muito importante também pelo cinema, quando a criança ou adulto pode fazer a experiência direta da alteridade. Em um filme, por exemplo, um homem pode se identificar completamente com uma mulher, com o pensamento ou os problemas de uma mulher, enquanto que na vida real é muito mais difícil. (...) O cinema permite que nos coloquemos no interior do outro, o que na vida real é extremamente difícil. (BERGALA, 2012)

Com esta fala, Bergala apresenta o que eu classificaria como o primeiro modo como o audiovisual conduz a uma reflexão ética. Neste caso está sendo abordado uma perspectiva da experiência do espectador.

Para Duarte JR (1981) esta experiência pode ser oferecida por diversas expressões artísticas e compõe um dos elementos pedagógicos da arte. Através do contato com uma obra artística é possível sentir e viver experiências do qual não temos acesso em nossa própria vida.

Quando, no cinema, sinto as emoções do alpinista, quando, no teatro, sinto o drama dos migrantes, ou ainda frente à tela de Goya, sinto o horror em face do pelotão de fuzilamento, descubro meus sentimentos frente a situações (ainda) não vividas por mim, que não me são acessíveis no meu dia-a-dia. (...) Assim, a arte pode possibilitar o acesso dos sentimentos a situações distantes de nosso

³ Acesso em <https://www.youtube.com/watch?v=rj2ZJQzZfPw>

cotidiano, forjando em nós as bases para que se possa compreendê-las. (DUARTE JR, 1981, p. 98-99)

Mas quando pensamos o cinema na educação através de atividades de realização, as possibilidades de se relacionar com a alteridade se ampliam e se aprofundam. A realização audiovisual compõe, portanto, uma segunda forma de proporcionar empatia e uma reflexão ética. Fazer o exercício da câmera subjetiva, por exemplo, é muito diferente de assistir uma imagem de câmera subjetiva porque criar um produto audiovisual envolve outras atividades mentais para além da experiência enquanto espectador. A criação envolve o exercício de “se colocar no lugar do outro” de um modo mais profundo pois há a necessidade de se imaginar como o outro e de pensar formas de traduzir isto em imagens.

Há ainda uma terceira perspectiva para se pensar no cinema como uma experiência da alteridade que é a própria vivência do trabalho coletivo e os desafios que isto implica. Conforme apresentado anteriormente, cinema se faz coletivamente, portanto é também um exercício de diálogo e compreensão do outro.

4.4.INTERSEXUALIDADE

A quarta aula contou com a participação de Amiel Vieira, pesquisador do PPGBIOS. Neste encontro havíamos programado a exibição do filme “Amiel”⁴ com uma roda de conversa com o próprio Amiel, personagem do filme exibido, e com a Milena Carneiro, produtora e editora do filme. Amiel é um homem trans masculino, intersexo, militante e pesquisador da área de gênero. Milena Carneiro além de ter trabalhado no filme é também pesquisadora e militante pelas pessoas LGBT. Quando planejamos este encontro imaginamos que haveria uma discussão rica a partir da perspectiva do Amiel, pela sua experiência enquanto pessoa intersexo além da sua atuação como militante e pesquisador nesse campo do gênero, e também a perspectiva da Milena que além de ser uma pessoa bastante engajada contribuiria com a visão da realização audiovisual. Contudo, pouco antes da aula, Milena avisou que não poderia estar presente por problemas de saúde. Assim, como já não dava tempo de planejar outras atividades, o encontro contou apenas com a participação de Amiel, mas isto não prejudicou a qualidade do encontro, pois a discussão que ele provocou foi bastante instigante e rica.

⁴ Acesso em: <http://www.futuraplay.org/video/amiel/482713/>

Amiel contou sobre sua história de vida, ele nasceu intersexo, mas os médicos orientaram seus pais a optar por um dos sexos. Assim, ainda bebê passou por uma cirurgia e passou a receber um tratamento hormonal. A família optou pelo sexo feminino e escondeu a verdade durante toda sua vida. Apenas após os trinta anos de idade descobriu por acaso um documento médico em que havia informações sobre sua intersexualidade. Desde então Amiel tornou-se pesquisador e militante deste tema.

O filme “Amiel” é um curta-metragem de documentário que conta sua história de vida, apresentando uma reflexão sobre as violências cometidas a ele e às pessoas intersexo. Os alunos do curso ficaram bastante tocados com o filme porque a história de vida do Amiel é impactante e emocionante. Foi uma aula que despertou muito interesse dos participantes presentes, não só por ser um assunto delicado, mas por ser um tema desconhecido por muitos.

O encontro estimulou ideias e reflexões. Ao final do encontro um dos alunos contou para a turma que gostaria de escrever um roteiro de um filme sobre esse assunto. Outro participante afirmou que gostaria de levar a discussão proposta por Amiel e exibir o filme na empresa onde trabalha.

A partir da experiência deste encontro e da repercussão do filme “Amiel” nos participantes do curso, volto-me à questão central deste trabalho: a relação entre audiovisual e ética. Conforme vimos, o audiovisual contribui para a reflexão ética através de três modalidades: no ato de assistir filmes, no ato de criar e através do trabalho coletivo. Duarte JR (1981) se baseia em Martin Buber para explicar a experiência estética, segundo este autor, os homens se relacionam com o mundo de duas formas: relação “EU-ISSO” e relação “EU-TU”.

Os termos ‘ISSO’ e ‘TU’ não indicam necessariamente objetos e pessoas. Pessoas e objetos podem ser um ‘ISSO’ ou um ‘TU’, de acordo com a atitude que o homem mantém frente a eles. O relacionamento EU-ISSO subentende nossa atitude cotidiana (prática) perante o mundo. Aqui a consciência toma-o como objeto de seu saber e de sua ação, interrogando-o a respeito de causas e efeitos, utilidades e usos, subordinações e leis. Em EU-ISSO a consciência sabe-se distinta, separada das coisas: o sujeito conhece seus ‘limites’ e subordina os objetos a si. Nesta esfera o homem age, construindo e alterando o mundo; nesta esfera se dão a ciência, a filosofia e todo o saber e agir humanos. Já na relação EU-TU as coisas não se subordinam à consciência, mas mantêm com ela uma relação ‘de igual’, constituindo, homem e mundo, os dois pólos de uma totalidade. Aqui não se pode falar de um sujeito que investiga e de um objeto que é conhecido, pois entre ambos (EU e TU) não há relações de subordinação. Em EU-TU há a presença total do EU frente ao mundo e vice-versa: todas as formas possíveis de a consciência apreender o mundo estão presentes no momento dessa relação. Nesta esfera ocorre, então, a experiência estética.” (DUARTE JR, 1981, p. 83)

4.5.ÉTICA ANIMAL E AMBIENTAL

No nosso planejamento havíamos estabelecido que a sexta aula abordaria conjuntamente os temas de ética animal e ambiental e a sétima aula seria inteiramente dedicada a assistir e discutir os trabalhos do dispositivo de 5 fotos. Mas ao longo do curso fomos fazendo algumas adaptações no programa, e para ser possível dedicar mais tempo aos dois assuntos, ambiental e animal, optamos por dividir os temas em dois encontros. Por isso, a aula 6 foi dedicada apenas ao tema de meio ambiente.

Tivemos a participação da Gabriela Berti que é bióloga, doutoranda em bioética, pesquisadora de ética ambiental e animal e do Newton Pereira que é agrônomo.

Iniciamos o encontro com uma dinâmica cujo objetivo era discutir as etapas da cadeia produtiva de bens de consumo. Para tanto, dividi a turma em duplas e distribuí entre eles objetos variados: uma garrafa de plástico, uma garrafa de vidro, um bloco de papel e um celular. A distribuição foi feita dessa forma porque são objetos de composições diferentes. As duplas deveriam discutir sobre algumas questões apresentadas por mim a respeito de cada uma das 4 etapas da cadeia produtiva: extração, fabricação, consumo e descarte.

Após algum tempo abri para que as duplas apresentassem brevemente para a turma o que havia sido discutido. Pedi para que falassem sobre as reflexões que o exercício havia despertado. No desenrolar da conversa, num dado momento a discussão saiu do nosso controle. Por algum motivo, um dos participantes tocou no assunto da educação e como aquela era justamente a semana em que havia sido noticiado um corte de 30% no orçamento das universidades, a discussão acabou ficando muito focada nesse assunto. Todos se mostraram mobilizados e interessados em discutir este tema. Neste momento, me senti desafiada a coordenar um debate que se desviou naturalmente do foco da aula. Fiz algumas tentativas de construir ganchos, mas sem sucesso. Por fim, tive que forçosamente voltar a discussão ao tema ambiental informando que tínhamos um cronograma a cumprir.

Após esse debate, exibimos o filme “Ilha das flores” e encerramos a aula com uma apresentação do Newton sobre compostagem, uma técnica de transformar o lixo orgânico em terra.

A sétima aula foi voltada para o tema de ética animal e contamos com a participação da Anna Medeiros que é bióloga e mestre em bioética.

Na primeira parte da aula vimos os exercícios feitos pelos cursistas dos dispositivos 5 fotos. O exercício consistia em construir uma narrativa a partir de fotos, ou seja, eles deveriam contar uma história com início, meio e fim através de cinco fotos. A história deveria ser norteadas a partir do tema saneamento básico.

Propus que a gente pensasse sobre esses trabalhos a partir da perspectiva dos elementos que constituem a narrativa: personagens, tempo, espaço e enredo. Minha intenção era que os alunos se apropriassem dos elementos da narrativa para pensar sobre os trabalhos.

Hoje repensando sobre esta aula gostaria de ter aprofundado mais na questão da construção da narrativa. Embora estivesse pressionada pelo tempo cabe a reflexão sobre o cuidado com o planejamento do tempo das aulas, compreendi que é importante não planejar uma quantidade muito grande de atividades. Percebi também que teria sido importante na explicação deste exercício mostrar exemplos. Eu imaginei que não precisava de exemplo porque parecia ser um exercício simples, mas acredito que teria sido importante para os participantes. Um exemplo poderia ter sido a cena inicial do filme “Soilent green”, que conta a história de mudanças no mundo através de fotos. Em alguns casos ficou claro que alguns participantes apenas fizeram uma justaposição de fotos que fossem abrangidas pelo tema do saneamento básico, mas que não contava uma história.

Finalizamos a aula, com uma explanação da Anna Medeiros sobre zoológicos e ética animal. Ela apresentou alguns conceitos como o especismo, que é uma forma de discriminação baseada na espécie. E encerrando a sua fala, exibimos o filme “Contém Sofrimento”, um filme feito por mim e alguns colegas do PPGBIOS.

4.6.ENTRE A TÉCNICA E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

A oitava aula tinha o objetivo de abordar o tema de narrativas étnico-culturais. Para tanto, convidei o documentarista Luciano Dayrell para apresentar seu filme “Canta um ponto”, que conta a história do jongo de Pinheiral. Luciano iniciou o encontro falando da experiência no Pontão de Cultura de Jongo, explicando o Jongo e sua relação com outras manifestações culturais. Durante a discussão, Luciano falou da sua experiência com audiovisual em comunidades tradicionais e contou sobre um projeto que desenvolveu com jovens jongueiros em que foram oferecidas oficinas de filmagem e finalização, que tiveram como resultado a realização de quatro curta-metragens. A pedido

dos participantes do curso, Luciano exibiu um desses curta-metragens “Cambaleio e vou andando” de Pedro Augusto. Após a projeção do segundo filme na aula, iniciou-se uma discussão interessante a partir da comparação entre os dois filmes. O “Canta um ponto” foi realizado por uma equipe de profissionais da área de cinema, enquanto que o segundo foi feito por membro da comunidade jogueira que passou por uma formação rápida dentro do projeto de oficinas audiovisuais, mas sem experiência na área. Algo que foi comentado na aula foi que embora o primeiro filme fosse tecnicamente mais bem feito, além de visualmente bonito e bem trabalhado, o segundo foi mais tocante e continha um conteúdo mais rico e politizado. Portanto, o que marcou não foi a qualidade técnica, mas a sensibilidade em torno dos assuntos abordados pela obra.

A nona e décima aulas foram as mais técnicas do curso, ambas tendo sido conduzidas pelo Ivan Capeller, que é professor de som da ECO-UFRJ. A nona aula foi voltada para questões de práticas de captação de áudio, equipamentos, tipos de microfones, etc. Ao final, foi solicitado como exercício a filmagem de uma entrevista. Iniciamos a décima aula assistindo os vídeos do último exercício solicitado. A discussão dos trabalhos foi voltada principalmente para o registro sonoro dos vídeos, o qual Ivan fez diversos comentários e sugestões. Em seguida, Ivan fez uma breve explanação sobre som em documentários.

No décimo primeiro encontro exibimos do filme “Mais triste que chuva num recreio de colégio” que foi seguido de uma roda de conversa com realizador, Lobo Mauro. Mauro é funcionário da UFRJ e trabalha na ECO como editor de vídeo. Mauro abordou dentre outras coisas a relação entre roteiro e montagem, falando de sua própria experiência como roteirista e editor e o quanto que o conhecimento de edição contribui para a escrita de um roteiro. Neste sentido, com essa aula conseguimos cobrir as lacunas das etapas da realização audiovisual que ainda não havia sido abordada no curso.

Por fim, assistimos os trabalhos do exercício que havíamos solicitado baseado no dispositivo “montagem na câmera”. Fizemos uma adaptação deste dispositivo que se tornou “montagem no celular”. Neste exercício, os participantes deveriam fazer um vídeo de aproximadamente 2 minutos em até 5 planos.

Neste encontro Mauro contribuiu na discussão e avaliação dos trabalhos feitos. Contudo, ficou evidente que este dispositivo acabou sendo complicado pois muitos não sabiam operar um aplicativo de edição de vídeo e como resultado apenas dois participantes entregaram o vídeo.

4.7. ENCERRAMENTO E AVALIAÇÃO

No último encontro, fizemos uma avaliação do curso junto com o dispositivo “roda de conversa filmada”. Para este encontro convidei todos aqueles que haviam colaborado com o curso e combinamos uma pequena confraternização ao final da aula.

O dispositivo “roda de conversa filmada” me foi apresentado em uma das aulas de PPE III em que um dos alunos da licenciatura contou ter inventado este dispositivo para uma das aulas do seu próprio estágio. Fizemos uma adaptação deste exercício que consistiu em disponibilizar uma câmera filmadora e deixá-la livre para que qualquer um dos participantes pudesse pegá-la e realizar qualquer registro na roda de avaliação do curso. Ao final do encontro assistimos algumas partes do que foi registrado e discutimos sobre a experiência.

Dentre as falas durante a avaliação destaco a opinião de alguns participantes de que gostariam que houvesse mais aulas práticas de edição e o elogio às aulas sobre empatia. Dentre os relatos praticamente todos enfatizaram sobre o quão importante foi para eles a aula sobre empatia. Outro comentário importante foi daqueles que já tinham experiência com audiovisual e que afirmaram ter gostado do curso mesmo sendo introdutório, pois a abordagem e mesmo os exercícios de audiovisual foram novos.

Algo que discutimos foi o fato de a maior evasão ter sido de pessoas da região de Niterói e dos frequentadores do Espaço de Cultura A Casa. Isto foi algo que aconteceu diferente do que havíamos planejado, pois nosso objetivo era justamente dar preferência a essas pessoas, este foi inclusive nosso critério de seleção. Nas primeiras aulas do curso estiveram presentes mais pessoas de Niterói e duas pessoas que já eram frequentadores do Espaço A Casa, mas eles acabaram abandonando. Isto nos fez perceber que precisaríamos incluí-los na própria concepção do curso de modo a verdadeiramente atender seus interesses e demandas.

Assim, o fato de o curso ter sido realizado no Espaço A Casas acabou se tornando inconveniente para a maior parte dos participantes que concluíram o curso. Dentre os que concluíram apenas dois eram de Niterói, um era de Itaboraí, um de Maricá, dois de Jacarepaguá, um de Laranjeiras e um da Tijuca.

Figura 7 – Registro do último encontro



Fonte: acervo pessoal

Figura 8 – Foto da turma no último encontro



Fonte: acervo pessoal

5. CONCLUSÃO

Apresentei, neste trabalho, uma descrição e uma reflexão sobre a experiência pedagógica do curso de extensão “Videoativismo – a linguagem audiovisual em diálogo com a ética” que foi oferecido no primeiro semestre de 2019, no Espaço de Cultura A Casa, em Fonseca, Niterói. O curso teve como objetivo desenvolver uma formação para a ética e para o audiovisual, problematizando e refletindo sobre aspectos da ética e da justiça social a partir da linguagem audiovisual.

Com este estudo, busquei expor e analisar o processo de criação, planejamento e execução do curso de Videoativismo a fim de tentar compreender se alcançamos o objetivo de contribuir para a formação ética dos participantes, estimulando-os a atuar com o audiovisual.

Partindo da perspectiva pedagógica desenvolvida por João Francisco Duarte Junior (1981), adotamos uma abordagem não-tecnicista. Dando voz à imaginação e aos sentimentos, buscamos combinar a experiência estética com discussões de natureza filosófica e conceitual. Tal perspectiva nos serviu de fundamento para a concepção e planejamento do curso e também para as análises empreendidas neste estudo.

Assim, apresentei um relato detalhado das etapas percorridas pelo curso: a concepção, a escrita da proposta, o registro na Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ, a composição de parcerias, a preparação do plano de curso e cada um dos doze encontros presenciais do curso.

Esperamos com esse trabalho ter apresentado uma experiência bem sucedida de uma formação ética e audiovisual e que ela possa servir de inspiração e embasamento para futuras práticas pedagógicas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGALA, Alain. **A Hipótese-Cinema**. Rio de Janeiro: Booklink e CINEAD/UFRJ, 2008.

BOURDIEU, P. (1998). **On Television**. New York. New York: New Press.

DIAS, Maria Clara. **Ensaio sobre a moralidade**. Rio de Janeiro: Editora Pirlampo, 2015.

DUARTE JUNIOR, João-Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo: Cortez; Autores Associados; Universidade de Uberlândia, 1981

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GOMES, Regina. Teorias da recepção, história e interpretação de filmes: um breve panorama. In: **SOPCOM: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação**, p. 1141-1148, 2005.

MATEOS e RAJAS, Videoactivismo: concepto y rasgos. In: BUSTOS, Gabriela et al. **Videoactivismo. Acción política, cámara en mano**. La Laguna (Tenerife): Latina, Cuadernos Artesanos de Comunicación/71, 2014, 179 p., cap. 1, p. 15-56

MIGLIORIN, Cezar et al.. **Cadernos do Inventar: cinema, educação e direitos humanos**. Niterói (RJ): EDG, 2016.

MORIN, Edgar. A alma do cinema. In: XAVIER, Ismail (org.). **A experiência do cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilmes, 2003.

SOTOMAIOR, Gabriel de Barcelos. **Cinema militante, videoativismo e vídeo popular: A luta no campo do visível e as imagens dialéticas da história**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP, 2014.

XAVIER, Ismail (org.). **A experiência do cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilmes, 2003.

YAQUINTO, M. (2014). Cinema as Political Activism: Contemporary Meanings in The Spook Who Sat by the Door, **6**(1), 5–33.